

# Governo não age, diz Pastore

20 SET 1988

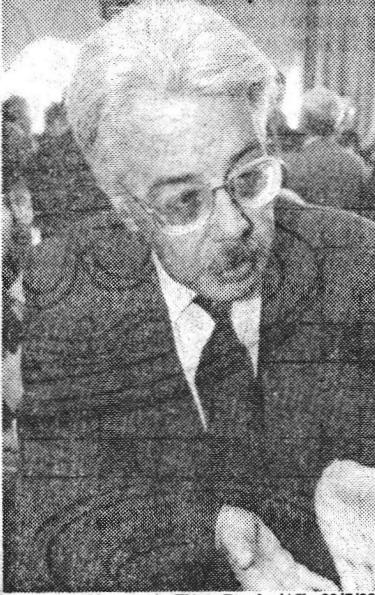
ECON - Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO

O economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, afirmou ontem que o atual processo inflacionário é acelerado demais para sofrer influência das promoções do comércio varejista. Vendas com descontos generosos podem resolver o problema de quem tem estoques altos, mas não se deve esperar que baixem a inflação.

"Em maio, quando houve uma onda de promoções em supermercados do Rio, chegaram a prever que a inflação cairia e no final os números provaram o contrário", disse Pastore no Conselho de Jovens Empresários do Centro do Comércio do Estado de São Paulo. "Agora voltaram a fazer essa previsão, mas não acredito", acrescentou.

Na opinião de Pastore, a inflação tende a continuar alta porque o governo não tem uma política eficiente e definida contra esse processo. O anunculado controle do déficit público é muito tímido e não atinge alguns investimentos como o das usinas nucleares,



Flávio Bacellar/AE - 28/7/88

*Pastore pede eficiência*

siderúrgica do Maranhão e ferrovia Norte-Sul, observou.

O remédio, segundo sua receita, está na efetiva redução do déficit público, hoje estimado em 4% do Produto Interno Bruto, austeridade monetária e adoção de indicadores e mecanismos para corri-

gir preços e salários de forma a conter os aumentos. "O governo demora demais para agir com firmeza e desse jeito já chegamos a uma taxa mensal que projetada para o ano dá inflação de 1.000%", adverte.

## ACORDO

Pastore reconheceu ser difícil a aplicação das medidas recomendadas. A adoção de outros instrumentos para corrigir preços e salários, que ele chamou de "nova política de renda", exigiria o pacto social. Mas não o que vem sendo esboçado por representantes de trabalhadores e empresários. "Um pacto nesses termos teria de surgir por iniciativa do Executivo e ser apresentado para aprovação pelo Congresso", assinalou Pastore. O acordo entre trabalhadores e empresários, na sua opinião, é condição necessária, mas não suficiente. O ex-presidente do Banco Central disse também que a atual situação preocupa, mas não haverá hiperinflação, pelo menos a curto prazo.